

## **FRAGMENTOS DA INFÂNCIA: TRAUMA E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO FILME “O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS”, DE CAO HAMBURGER.**

Ireane Ferreira Melo <sup>1</sup>

Rafael Henrique Pimentel Lobato <sup>2</sup>

Wevellyn Kethelyn Pinheiro Lobato <sup>3</sup>

Ladyana Dos Santos Lobato <sup>4</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar aspectos referentes à memória da segunda geração atingida pela Ditadura Militar, no Brasil, por meio do olhar desses que viveram sua infância/juventude em meio a violência de Estado. Logo, a proposta deste artigo é refletir sobre a representação do trauma e da memória da infância, tendo como ponto de partida a análise do filme “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias”, de Cao Hamburger. A pesquisa, de natureza qualitativa e com base em revisão bibliográfica, utiliza como referenciais teóricos Márcio Seligmann-Silva (1999), Denise Rollemberg (2007), Gutfriend (2011), entre outros pesquisadores do trauma, da memória, da infância e da produção cinematográfica na época da Ditadura Militar. Por meio da perspectiva da infância retratada na obra cinematográfica, busca-se evidenciar os impactos emocionais e subjetivos vividos por crianças em períodos de instabilidade nacional, marcados por transformações sociais e políticas decorrentes da Ditadura Militar. O estudo aponta que o regime autoritário deixou marcas profundas nas relações familiares e na formação emocional das crianças. Trazer este tema à tona é importante, uma vez que essas vivências foram muitas das vezes deixadas de lado por nossa sociedade. Portanto, o recurso audiovisual se torna uma ferramenta imprescindível para a representação dessas experiências, revelando a importância do cinema como instrumento de representação e questionamento histórico.

**Palavras-chave:** Trauma, Memória, Infância. Cinema brasileiro.

### **INTRODUÇÃO**

O Regime militar no Brasil (1964–1985) deixou marcas profundas não apenas nos sujeitos que vivenciaram diretamente a política opressiva, mas também nas gerações seguintes, que, ainda na infância ou juventude, enfrentaram a violência do Estado, as

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará- UFPA, [ireanefm.21@gmail.com](mailto:ireanefm.21@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará- UFPA, [rafael.lobato@abactetuba.ufpa.br](mailto:rafael.lobato@abactetuba.ufpa.br)

<sup>3</sup> Graduada do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará- UFPA, [Wevellynkethelyn1@gmail.com](mailto:Wevellynkethelyn1@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Letras/Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará- UFPA, [ladyanasl@ufpa.br](mailto:ladyanasl@ufpa.br) ;



perdas familiares e a instabilidade social. Nesse contexto, o audiovisual constitui uma “forma distinta de envolvimento com o mundo histórico” (Nichols, 2005, p.74), possibilitando a representação de múltiplas perspectivas sobre esse período.

As obras cinematográficas passam, assim, a contribuir na construção e na difusão de diferentes óticas, inclusive a do olhar infantil, que destaca experiências tanto individuais quanto coletivas marcadas pelo contexto autoritário. A memória desses acontecimentos, principalmente quando associada à perspectiva da infância, ressalta a dimensão subjetiva do trauma, frequentemente silenciada no discurso oficial e, por vezes, até mesmo em parte da historiografia.

Nessa perspectiva, a análise de representações artísticas, em especial o cinema, revela-se fundamental para compreender os modos como experiências traumáticas são elaboradas e transmitidas. O filme *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), dirigido por Cao Hamburger, constitui-se como objeto privilegiado de investigação, pois mostra a vivência de uma criança em meio à ausência forçada dos pais que são perseguidos pelo governo, destacando as tensões entre memória, subjetividade e contexto histórico.

Segundo Bauer (2011, p. 92) “[...] os traumas não deixam de se fazer presentes somente porque o indivíduo tinha pouca idade quando foi submetido ao medo e terror.” Assim sendo, a narrativa fílmica, ao mostrar o ponto de vista de Mauro diante das suas experiências pessoais revela os impactos emocionais e subjetivos vivenciados por crianças durante a ditadura militar brasileira.

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da memória e do trauma da segunda geração atingida pela Ditadura Militar, a partir da perspectiva infantil evidenciada na narrativa fílmica. A pesquisa, de natureza qualitativa e com base em revisão bibliográfica, utiliza como referenciais teóricos Márcio Seligmann-Silva (1999), Denise Rollemberg (2007), Gutfriend (2011), entre outros pesquisadores do trauma, da memória, da infância e da produção cinematográfica.

Dessa forma, pretende-se refletir sobre os impactos emocionais e subjetivos deixados pelo regime autoritário na formação de crianças e jovens, destacando como o recurso audiovisual se constitui em ferramenta essencial de representação e questionamento histórico. Ao trazer à tona vivências muitas vezes deixadas de lado por nossa sociedade, o cinema reafirma sua importância na preservação da memória coletiva



e na problematização dos silêncios impostos pela ditadura.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, pois entende que a análise de representações artísticas, como o cinema, demanda a consideração de aspectos subjetivos, simbólicos e sociais. Assim, busca-se interpretar os sentidos produzidos pelo filme *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), de Cao Hamburger, em diálogo com referenciais teóricos que tratam das temáticas da memória, do trauma e da infância no âmbito da Ditadura Militar brasileira.

O processo metodológico foi dividido em três etapas principais. A primeira consistiu na revisão bibliográfica, com a seleção de obras de referência sobre os conceitos fundamentais para a análise, tais como trauma e memória (Seligmann-Silva, 1999), infância e Ditadura Militar (Rollemberg, 2007; Gutfreind, 2011), e pesquisas que abordam o papel do cinema como meio de representação e de preservação da memória histórica.

A segunda etapa correspondeu à análise fílmica, considerando os elementos estéticos, narrativos e simbólicos da obra. Além disso, foram considerados aspectos como a ambientação histórica, a construção dos personagens, o olhar infantil diante da violência de Estado e a forma como a ausência dos pais é representada no enredo. Essa análise buscou compreender de que modo o filme articula vivências individuais e coletivas, revelando marcas subjetivas da segunda geração afetada pelo regime autoritário.

Por último, a terceira etapa concentrou-se na articulação entre teoria e objeto, relacionando os referenciais bibliográficos à leitura crítica do filme. Esse procedimento interpretativo permitiu evidenciar como o cinema, enquanto linguagem artística e recurso audiovisual, funciona não apenas como meio de representação de experiências traumáticas, mas também como espaço de reflexão crítica sobre o passado.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo apoia-se em debates sobre memória, trauma e representação cinematográfica para compreender como *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias*, de Cao Hamburger inscreve experiências históricas no domínio do afetivo e do cotidiano. Parte-se da premissa de que a memória não é simples reiteração do passado, mas prática



social e discursiva que se constrói em disputas, Para Selligmann Silva:

Os dispositivos de memória ajudam a desenhar a face do próprio. Devemos entender nesse sentido o papel das obras de arte como auxiliares desse design do rosto da comunidade. (Silva, 2009. pag 272)

Lembrar é um ato político: o esquecimento, frequentemente produzido por arranjos institucionais e culturais, funciona como forma de poder; assim, obras cinematográficas que recuperam memórias silenciadas intervêm nessa disputa ao visibilizar o que se tentou ocultar.

Complementarmente, a literatura sobre trauma e representação indica que o trauma histórico se manifesta não apenas por narrativas lineares, mas por fissuras, silêncios e fragmentos que desafiam a linguagem convencional. Márcio Selligmann-Silva argumenta que o testemunho e a escrita do trauma “surgem nas fissuras da linguagem”, exigindo formas estéticas capazes de representar o indizível (Selligmann-Silva, 2005). Essa noção justifica a opção estética de Cao Hamburger: a ênfase nos vazios — malas deixadas, perguntas sem resposta, olhares que aguardam — corresponde a uma estratégia fílmica que traduz a experiência traumática sem recorrer à exposição gráfica da violência. Para Selligmann:

O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível, entre o “real” e o simbólico, entre o “passa-do” e o “presente”. (Silva, 2005. pag 82)

Cristiane Gutfreind e outros estudos sobre representações da ditadura no cinema brasileiro ressaltam ainda a dimensão ética dessa reapropriação: revisitar períodos de violência por meio do olhar infantil não é escapismo, mas dispositivo crítico que permite novas leituras do passado e reabilitação de vozes subalternas, para a autora: "Constatamos que os fenômenos que condicionam a relação entre o filme e o seu público são diretamente ligados à percepção, a qual, por sua vez, engloba a memória" (Gutfriend, 2008, p. 5)

Assim, *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* transforma a experiência individual de um menino em metáfora coletiva de um país em suspensão, revelando como a memória pode resistir ao esquecimento e reinscrever o passado no presente. A obra de Cao Hamburger, ao articular silêncio, ausência e afeto, não apenas revisita a ditadura militar, mas propõe uma reflexão sobre o papel ético e político do cinema na preservação



das lembranças e na reconstrução das identidades históricas.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do filme *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* (2006), dirigido por Cao Hamburger, tem como fator principal apresentar a ditadura militar brasileira a partir de uma perspectiva íntima e sensível, filtrada pelo olhar infantil de Mauro. Essa escolha narrativa desloca o foco do discurso político tradicional e revela as marcas do regime autoritário nas relações familiares e na formação emocional das crianças. O cineasta Hamburger evita o retrato explícito da repressão e opta por narrar o trauma através do cotidiano, do silêncio e da ausência.

A obra evidencia que “que os caminhos da memória e do esquecimento do mal sofrido passam também pela construção da história e pelos julgamentos propriamente jurídicos” Seligmann-silva (2005 p. 81). Onde a experiência individual se cruza com a memória coletiva. A ditadura, ao tentar calar vozes e destruir vínculos, acabou deixando rastros que atravessam gerações. Nesse sentido, o filme permite compreender que a memória individual e social torna um espaço de resistência. Como afirma Rollemberg (2007, p. 11) “Em meio a um mundo que se abria, muito longe do isolamento no qual os brasileiros - e não somente as esquerdas - viviam então, os conceitos tradicionais de revolução foram repensados. Valores e referências foram revistos, redefinidos”. No campo educacional, essa leitura aponta que escola e família podem atuar como espaços de reparação simbólica, onde escuta e afeto transformam dor em aprendizado e memória em resistência.



IMAGEM 01



IMAGEM 02







IMAGEM 03



IMAGEM 04

O trauma, no contexto do filme, não se manifesta como violência física ou tortura visível, mas como ruptura afetiva e descontinuidade da vida familiar. A cena inicial, em que os pais deixam Mauro sob o pretexto de “férias”, é emblemática: o menino acredita em uma viagem temporária, sem saber que se trata de uma fuga política. Quando pergunta inocentemente “Mas vocês vão voltar logo, né?”, recebe o silêncio como resposta. Essa ausência de explicação marca o início do trauma, aquilo que Seligmann-Silva (2005, p. 87) chama de “A incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens “vivas”, “exatas”, também marca a memória dos traumatizados”. Ao chegar à casa do avô e descobrir sua morte, Mauro é duplamente abandonado pelos pais e pela morte. A sequência simboliza a fragilidade das estruturas familiares diante da repressão política, revelando que a ditadura não destrói apenas corpos e ideias, mas também afetos, rotinas e infâncias. De forma indireta, o produtor cinematográfico denuncia o impacto do autoritarismo na vida privada, o filme traduz essa penetração do medo em linguagem cinematográfica, fazendo do olhar infantil um espelho das contradições históricas de um país que tentava sobreviver ao silêncio. O autor evita o discurso histórico direto e constrói um cenário em que o regime militar é percebido por meio da ausência e dos vazios: conversas interrompidas, notícias sussurradas e olhares aflitos. Essa opção narrativa revela como o autoritarismo se infiltra na vida cotidiana, tornando-se uma forma de violência simbólica.

As ausências prolongadas, o medo de falar e o silêncio cúmplice formam a textura emocional do regime. Assim, quando Mauro observa a vizinhança em silêncio durante o noticiário, o espectador é levado a “sentir” a repressão mais do que compreendê-la racionalmente. Em *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias*, Hamburger reconstrói essa capacidade narrativa por meio da infância: Mauro é um narrador em formação, alguém que aprende a compreender o mundo através do não-dito. Essa estratégia



cinematográfica torna a memória um eixo simbólico da narrativa. Ela cumpre dupla função: recordação pessoal de Mauro e testemunho coletivo de uma geração que viveu o autoritarismo. O filme, ao reconstituir a infância do protagonista, oferece um testemunho artístico sobre as “infâncias interrompidas” e as “famílias desfeitas” pela repressão. A relação entre Mauro e o vizinho judeu Shlomo é central nesse processo. A princípio distante, Shlomo torna-se sua nova figura paterna, ensinando-lhe a lidar com a perda. Em uma das cenas mais significativas, Shlomo diz: “A gente não escolhe quando as pessoas vão embora, mas pode escolher quem vai cuidar da gente”. Essa fala sintetiza o gesto reparador que o filme propõe.



IMAGEM 05



IMAGEM 06

A amizade entre Mauro e Shlomo é, portanto, uma forma de reinscrição simbólica do trauma: uma tentativa de reconstruir o pertencimento por meio da solidariedade. A presença da comunidade judaica do Bom Retiro reforça esse aspecto coletivo da memória. Trata-se de um grupo marcado historicamente pelo exílio e pela perseguição, que, ao acolher Mauro, reencena a própria história de resistência e reconstrução. Ao refletir sobre as relações familiares no filme, percebemos que a ausência dos pais é compensada por outras formas de cuidado. Shlomo, a comunidade e os vizinhos tornam-se figuras educativas e afetivas, demonstrando que a noção de família é dinâmica e socialmente construída. Esse aspecto dialoga com a educação inclusiva, que reconhece as múltiplas formas de pertencimento e compreende que experiências de perda, deslocamento e trauma influenciam o desenvolvimento emocional das crianças. Assim, o acolhimento e o reconhecimento das histórias individuais tal como no filme são práticas educativas que convertem o desamparo em pertencimento e a memória em resistência.

A escola, portanto, torna-se um espaço simbólico de reparação e reconstrução, onde as



histórias silenciadas podem ser ditas e compreendidas, reforçando a importância da memória como ato de justiça cultural, pois permite recontar o passado e restaurar as vozes que o autoritarismo tentou apagar. O cinema, assim, converte-se em uma pedagogia da lembrança, na qual lembrar é resistir e resistir é educar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última instância, o filme *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* consolida-se como testemunho audiovisual poderoso de que o autoritarismo se inscreve não apenas em dispositivos de poder, mas principalmente nos afetos, nas infâncias e nas ausências que atravessam as famílias. A experiência de Mauro, abandonado sob o disfarce de férias, sem saber da perseguição política de seus pais, torna-se espelho de uma nação silenciada, e o cinema se converte em instrumento de “memória ativa”, capaz de resgatar o indizível e restituir vozes apagadas.

Assim, o audiovisual revela-se como prática ética e estética: ele devolve à infância interrompida, ao vínculo desfeito e à comunidade acolhedora representada pela amizade de Mauro com Shlomo, a potência de reconstrução. O silêncio que permeia o filme não é apenas ausência, mas chamado à escuta e isto destaca que o cinema pode reconfigurar como nos lembramos, como nos conectamos e como resistimos.





## REFERÊNCIAS

BAUER, Caroline Silveira. O efeito do terrorismo de Estado nas crianças: o documentário 15 filhos. *In*: PADRÓS, Enrique Serra et. al. **Memória, verdade e justiça: as marcas das ditaduras do Cone Sul**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2011. P. 89-101.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. **Cinema e outras mídias: os espaços da arte na contemporaneidade**. Contemporânea, v. 6, n. 1, p. 1-13, 2008.

NICHOLS, Bill. A voz do documentário. *In*: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). **Teoria contemporânea do cinema – documentário e narrativa ficcional**. Volume II. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS. Direção: Cao Hamburger. **Globo Filmes**. DVD (1h e 43 min.), 2006.

ROLLEMBERG, Denise. **Memórias no exílio, memórias do exílio**. As esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3, 2007.

ROLLEMBERG, Denise. Memória, opinião e cultura política. **A Ordem dos Advogados do Brasil sob a ditadura (1964-1974)**. Modernidades Alternativas. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, p. 57-96, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo**. Remate de Males, v. 29, n. 2, p. 271-281, 2009.

IMAGENS 01, 02, 03, 04, 05 e 06 **O ano em que meus pais saíram de férias**. Disponível em: <https://share.google/PGpK8fJi812WFKKcj>. Acesso em 30 de out de 2025.

